

O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TEA E AS EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Julia Rodrigues da Silva¹
Daniele Siqueira Veras²

RESUMO

O presente artigo reflete sobre o processo de aprendizagem dos alunos com deficiência, colocando como exemplo experiências de professoras da educação infantil. A proposta foi discutir sobre a prática profissional de duas docentes e seus alunos com autismo em classes iniciais. Focando-se no objetivo de entender quais os caminhos devemos tomar para melhor atender esses alunos com necessidades específicas. Realizou-se entrevistas com as duas professoras para avaliar o padrão de interação professor-aluno e como metodologia, utilizou-se uma estratégia qualitativo-dissertativa de caráter exploratório. Baseando-se nas pertinentes às contribuições de Lev Semionovitch Vigotski sobre a aprendizagem com o enfoque na educação inclusiva de crianças com autismo, o texto traz as afirmações apresentadas por Vigotski mostrando a importância da interação social para o processo de aprendizagem, sobretudo as possibilidades de intervenções em alunos com deficiência. Entende-se a caminhada do movimento da educação inclusiva, os momentos favoráveis para sua evolução e como é importante a conscientização e o investimento de capacitação na área da inclusão e compreendem-se as particularidades das crianças portadoras de autismo. Observaram-se os relatos de professoras, seus desafios e superações norteadas por uma educação inclusiva. Que foram expostos por meio de suas falas apresentando os pontos relevantes no processo de aprendizagem contado pelas professoras e como é importante a interação para um resultado significativo.

Palavras-chave: TEA, Educação Inclusiva, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Com a perspectiva de buscar novos caminhos de aprendizagem voltados para uma educação inclusiva, destaca-se a teoria de Vigotski, com o conceito de um desenvolvimento intelectual explorado por meio da interação social. Neste trabalho evidencia-se a importância do relacionamento do professor com o aluno para a absorção de conhecimentos. Vigotski não deixou uma teoria acabada e pronta, mas apontou caminhos a serem seguidos.

Aqui apresentaremos a inclusão na educação, mais especificamente com crianças com TEA – Transtorno do Espectro do Autismo. A escolarização de crianças com o TEA é necessária, pois desperta nos educandos atitudes de solidariedade, tal “acordar” começa na

¹ Licenciada pelo Curso de Licenciatura em Letras Português – Inglês da Faculdade de Olinda - FOCCA, juliarodrigs27@gmail.com;

² Professor orientador: Doutora em Psicologia Cognitiva – UFPE. Professora do Curso de Licenciatura em Letras Português – Inglês da Faculdade de Olinda - FOCCA, daniele.veras@gmail.com.



escola, onde o indivíduo é orientado a trabalhar suas atitudes diante da sociedade. O processo de inclusão começa pela reflexão sobre os seus processos de ensino e aprendizagem, por uma visão diferente, considerando um aluno que aprende de maneira específica e pouco tradicional. Para os professores, a escolarização dos alunos com TEA ainda se apresenta como um enigma e um desafio. Repensar as perspectivas dos educadores e a melhora dos caminhos para a escolarização. Nesse ponto, é preciso especificar as dificuldades enfrentadas pelos professores e mostrar como superá-las e entender o processo de inclusão como uma chave para esse aprendizado.

Ao investigar as estratégias utilizadas na escola para alfabetização de alunos com TEA, podemos repensar a perspectiva dos professores sobre a inclusão desses alunos, sendo nosso objetivo geral da pesquisa compreender as percepções de professoras sobre a inclusão de alunos com TEA na escola regular. O andamento da inclusão para a construção de meios que ajudem na socialização e até no tratamento do transtorno, requer um conjunto de profissionais na rotina da criança. A escola por sua vez, cria um laço social com um valor terapêutico, promovendo modos de ordenar sua relação com o outro e com a sociedade. Pais, profissionais e professores devem aliar o conhecimento pedagógico à sensibilidade do aluno.

Nesse contexto para melhor compreender o papel do professor no desenvolvimento e inclusão das crianças com deficiência, encontra-se no texto aqui referido a divisão em três partes: (1) A teoria de Vygotsky que ajudam na atuação dos profissionais na educação inclusiva. (2) As características do autismo e quais as diferenças no processo de aprendizagem desses alunos. (3) Dados e discussão da pesquisa em uma instituição privada com professoras de educação infantil com o intuito de observar os resultados do empenho de educadoras comprometidas com a aprendizagem dos seus alunos e a experiência social para obter uma aprendizagem significativa.

METODOLOGIA

Para atingirmos nossos objetivos, participaram do estudo duas professoras do ensino fundamental I: Marta (nome fictício) e Maria (nome fictício), com tempo médio de 20 e 15 anos respectivamente de experiência profissional como educadoras. A pesquisa foi realizada em uma escola privada na cidade de Olinda, com cerca de 20 anos de funcionamento, oferece classes de ensino infantil e fundamental I e II. Os dados foram coletados em março de 2020 na própria sala de aula das professoras.



Após o contato com a direção da escola, foi agendado um encontro com as professoras para a apresentação do trabalho e consentimento para a realização da entrevista, que aconteceu no mesmo dia e durou cerca de quarenta minutos, posteriormente transcritas para o presente trabalho. Para coleta dos dados foi elaborado um questionário com o objetivo de verificar as concepções das professoras acerca das suas experiências com alunos autistas e a educação inclusiva. Para registro e transcrição da entrevista foi usado um gravador portátil.

REFERENCIAL TEÓRICO

As contribuições de Lev Vygotsky para a educação inclusiva

Existem variadas concepções de aprendizagem que foram desenvolvidas e aplicadas ao longo do tempo, diferentes estudiosos contribuíram para as concepções de aprendizagem que conhecemos e nos familiarizamos. Pode-se dizer que a aprendizagem é um processo de transformação comportamental estabelecida por fatores neurológicos, emocionais, relacionais e ambientais e também é um processo de obtenção de novas maneiras de ser, pensar e agir. Na educação inclusiva, precisa-se de uma preocupação para com o nosso aluno que possuem necessidades específicas de um ensino longe do tradicional, para a absorção de novos conhecimentos, processos de desenvolvimentos e transformações de pensamentos. Assim a aprendizagem é a progressiva mudança do comportamento que está ligada, de um lado, a sucessivas apresentações de uma situação.

Para Vygotsky (1998):

O homem nasce equipado com certas características próprias da espécie (por exemplo, a capacidade de enxergar por dois olhos, que permite a percepção tridimensional, ou a capacidade de receber e processar informação auditiva), mas as chamadas funções psicológicas superiores, aquelas que envolvem consciência, intenção, planejamento, ações voluntárias e deliberadas, dependem de processos de aprendizagem (VYGOTSKY apud OLIVEIRA, 2003, p. 55-56).

Nesse ponto de vista, a aprendizagem da criança é desenvolvida precedente à aprendizagem escolar (VIGOTSKY, 1988, p.107), pois a união da criança com o mundo, desde seu nascimento, já resulta em aprendizagem. As fundamentações de Vygotsky são com bases marxistas e enfatizam o processo ativo da luta, que caracteriza as relações entre o homem e o mundo e entre o homem e ele próprio. Por esse motivo entende-se que a atividade mental se estabelece nas relações sociais, as quais acarretam em aprendizagem social. Tal perspectiva sugere que o desenvolvimento cognitivo aconteça por meio da interação social, isto é, os alunos se relacionam de modo ativo, trocando experiências e ideias, gerando novas experiências e adquirindo conhecimento durante sua vida em ambientes sociais, principalmente organizados para promover esse desenvolvimento. A assimilação que o



sujeito expressa ao mundo e a si próprio, não de forma contínua, mas por meio da experiência social.

É significativo destacar que Vygotsky (1997) ao julgar crianças com diferentes deficiências, reprovava as caracterizações descritivas e quantitativas, assumindo a ótica qualitativa. Sem dúvida, uma convicção que devemos sempre ter em mente é que a inteligência não é estática, mas dinâmica, podendo, portanto, evoluir. Vygotsky (1997) aposta nas possibilidades de desenvolvimento do sujeito com necessidades especiais, ele defende a não segregação dos alunos com necessidades especiais, e a interação social entre grupos heterogêneos, sendo fundamental para o desenvolvimento do pensamento e da linguagem.

Vygotsky (1989, p. 118) aponta:

As crianças com deficiência mental, por exemplo, podem demandar um ensino por mais tempo e procedimentos especiais, podem alcançar um nível menor de aprendizagem, porém, aprenderão o mesmo que todas as demais crianças e receberão a mesma preparação para a vida futura.

Sob esse ponto de vista, da aprendizagem como experiência social, destaca-se também que para tal aprendizagem a interação precisa ocorrer dentro da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Nesse nível é onde acontece a verdadeira fase de desenvolvimento do aluno até o seu grau potencial de desenvolvimento.

A Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão, presentemente, em estado embrionário (Vygotsky, 1984, p. 97).

Para compreender o papel do professor no desenvolvimento da criança com deficiência, adota-se o conceito de ZDP como um controle incessante de mudança a partir do aprimoramento de funções cognitivas que posteriormente serão solidificadas. Dessa forma, é necessário que o professor entenda os níveis de desenvolvimento intelectual proximal, para que, então, o aluno possa alcançar níveis mais altos de desenvolvimento real. O conceito de ZDP indica que com o suporte do outros – pais, professores, colegas mais preparados – o aluno terá capacidade de produzir mais do que produz sozinha.

Vygotsky (1984), também enfatiza a utilização de brincadeiras, jogos, material dinâmico; o desenvolvimento dos sistemas semióticos ou sistemas de signos. Para ele, os signos são meios colaboradores, auxilia em trabalhos que demandam memória e atenção. Trabalhar com signos abrange uma infinidade de atividades, jogos, que podem representar objetos, lugares, conceitos. Tudo isso é importante, pois leva os alunos a entenderem que esses sinais representam algo. A função semiótica constitui uma das tarefas fundamentais para quem trabalha com alunos com necessidades educacionais especiais, posto que seja fundamental para o avanço da linguagem de uma forma geral (não só oral, mas também a



linguagem escrita e outras formas de representações), esse desenvolvimento possibilita o diálogo entre o adulto e a criança, entre educando e o educador. Vygotsky (1978) enfatiza que a escrita deve ter significado para as crianças, que uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas: a escrita e a matemática devem ser incorporadas a uma tarefa vista como necessária e relevante para a vida.

Na educação inclusiva, é necessário que não se considere apenas as características negativas do aluno, mas evidencie sua personalidade, características qualitativas, para somar no processo de escolarização. Isso não significa negar as características físicas ligadas à deficiência, mas entender que as questões físicas não definem os níveis de desenvolvimento do sujeito.

Conhecendo o autismo e os seus níveis no processo de aprendizagem

O autismo infantil foi definido pela primeira vez pelo cientista psiquiatra austríaco Leo Kanner, em 1943. O termo autismo origina-se do Grego autós, que significa “de si mesmo”. Kanner utilizou o termo quando realizou um estudo com 11 crianças (oito meninos e três meninas), ficou responsável por observar seus comportamentos e percebeu que compartilhavam de modos muito particulares, entende as limitações dos relacionamentos com objetos e com outras pessoas, além das dificuldades no desenvolvimento da linguagem. O comportamento dessas crianças resumia-se em dificuldades de aceitar mudanças de ambiente ou de rotina, atos repetitivos e estereotipados, aversão a som alto, e a maioria, quando falava, apresentava ecolalia e inversão pronominal.

Desde o início há uma extrema solidão autista, algo que, na medida do possível, desconsidera, ignora ou impede a entrada de tudo o que chega à criança de fora. O contato físico direto e os movimentos ou ruídos que ameaçam romper a solidão são tratados como se não estivessem ali, ou, não bastasse isso, são sentidos dolorosamente como uma interferência penosa (KANNER, 1943).

Disse Kanner (1943) que por mais estranho que pareça, a deficiência mental não é uma característica identificada no autismo. Há muitos sintomas característicos que são perceptíveis e outros mais difíceis de ser percebidos, por isso, a atenção no inconstante desenvolvimento dessas crianças é valiosa para o próprio diagnóstico e tratamento.

Bosa e Col. (2002 apud SANTOS, 2015, p. 15) afirmam que:

O Autismo hoje é visto como nos mostra dentro das classificações atuais, como comprometimento de três áreas principais: Alterações qualitativas das interações sociais recíprocas, modalidades de comunicação, interesses e atividades restritos, estereotipados e repetitivos.

Reforçando que esses comprometimentos em que as crianças com autismo apresentam, variam de acordo com a manifestação do transtorno em cada indivíduo, e assim,



só participando da vida desses indivíduos e compartilhando das suas ações, é que conseguimos identificar o quanto o transtorno compromete a criança. O aumento de interesse científico tem ajudado bastante à detecção de um diagnóstico cada vez mais preciso e o aprimoramento de um tratamento mais eficaz para o processo, desenvolvimento e também ajuda aos pais e familiares responsáveis pelo autista, nos quais, precisa estar aberto a ouvir os profissionais, entender o quanto é necessário mergulhar em conhecimentos fundamentais sobre esses transtornos, para se tornarem preparados para o desenvolvimento e tratamento da criança. Nos últimos anos houve um aumento considerável das pesquisas científicas sobre o autismo, visando o alargamento de conhecimento. Por isso, esses avanços científicos também contribuem para a visualização e propagação de informações sobre o TEA, alcançando resultados menos fantasiosos. Ainda assim, o termo ‘autismo’ acompanha algumas indefinições que continuarão sendo investigadas.

Têm sido realizados trabalhos para reunir os sintomas e os comportamentos dessas crianças, com o intuito de padronizá-los. *O Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM), que classifica categoricamente e divide os transtornos mentais em tipos, baseado em grupos de critérios com características definidas é o que se aproxima de uma coletânea de características da definição do autismo. Apresenta o transtorno como um Distúrbio Global do Desenvolvimento caracterizado por prejuízos comportamentais que são agrupados em três categorias principais: (1) comprometimento da interação social, (2) comprometimento da comunicação, e (3) padrões restritos, repetitivos e estereotipados de comportamento. Além de que, o autismo pode apresentar graus leves, moderados ou mais graves que se intercalam de acordo com as áreas de seu neurodesenvolvimento, processamento sensorial, comunicação, socialização e comportamento em geral.

Segundo AMA (2015), devido os sintomas estar presentes antes dos três anos de idade, dependendo da gravidade do comprometimento, torna possível fazer o diagnóstico por volta dos 18 meses de idade. Geralmente a presença do autismo só é percebida ou diagnosticada após os dois anos, quando o indivíduo é inserido em novos ambientes, como a escola. Posto nesse universo haverá uma quebra de rotina, novos compartilhamentos e interações mais bruscas, além do contato com um novo responsável, o professor. Habitualmente esse profissional percebe as dificuldades desse aluno em certas atividades, e as particularidades no modo de aprendizagem.

Quando nos referimos a indivíduos autistas devemos considerar as suas características singulares, no entanto “A personalidade autista é altamente distinta apesar das amplas diferenças individuais.” De fato, os autistas distinguem-se de quaisquer outros, não apenas pelo nível do distúrbio de contato e das capacidades



intelectuais, mas também pela sua personalidade e interesses peculiares, geralmente originais e variados (SANTOS; SOUZA apud ASPERGER, 1994, p. 67).

A importância de se estar entrosado com os detalhes e especificidades desse transtorno ajuda no diagnóstico precoce, pois, o desenvolvimento e construção de vivências da criança começam em casa, muito antes de adentrar no universo escolar, elas já adquirem experiências únicas com seus pais, irmãos e outros familiares. Por vezes a criança consegue ser diagnosticada mais facilmente depois que inicia sua vida escolar, visto que dentro desse grupo vai vivenciar situações desafiadoras que mostrarão como ela consegue demonstrar suas capacidades e ultrapassar seus limites. Quando há uma construção de um relacionamento com essas crianças, observamos a facilidade de saber os limites e os desafios que podemos propor para resultados consideráveis na aprendizagem desses alunos. O professor no seu papel de facilitador da absorção de conhecimento é fundamental que compreenda o processo de aprendizagem e o valor dessa experiência, considerando as características e comportamentos desses sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A professora Maria está atuando no infantil II e no 1º ano, com cerca de 40 alunos (dois alunos com autismo e um em acompanhamento), não conta com auxiliar. Enquanto a professora Marta atua no 2º e 3º ano com cerca de 60 alunos (quatro alunos com deficiência, dois desses quatro com autismo) e também não conta com auxiliar de sala.

A seguir apresentaremos as respostas das professoras Marta e Maria, e as questões pessoais sobre as experiências em sala de aula, serão divididas em doze perguntas focadas no autismo e como elas consideram seus desempenhos. Vale salientar que as experiências vivenciadas por essas professoras foram específicas, com aspectos sociais e culturais específicos, está sendo considerada uma perspectiva educativa, com base nas teorias de aprendizagem.

a) Vocês já eram familiarizadas com o termo “autismo”?

Professora Maria: *“Já trabalhei, mas na época que vivenciei isso, não era tão divulgado como hoje, antes não víamos tanta informação ou alunos com esse diagnóstico, hoje aparece com mais frequência e as escolas estão mais atentas”.*

Professora Marta: *“Nós percebemos que tem crescido o número de alunos com autismo, porém, nem todas as vezes que percebemos as características, sabemos que é um aluno com autismo. Faz pouco tempo que começamos a aprender sobre o autismo, o que é”.*



Como temos visto, a inclusão tem tomado um plano maior na área da educação, pelo fato de ter se tornado habitual discutir e conscientizar as pessoas sobre o assunto. Mas a busca pelo conhecimento tem propagado as informações tanto nas escolas quanto nas famílias dessas crianças. Percebe-se que o termo ‘autismo’ ainda é algo “novo” pela falta de divulgação e assistência.

b) Como foi sua primeira experiência com alunos com TEA?

Professora Maria: *“Eu me desesperei, porque eu não sabia como lidar, precisei buscar métodos para saber trabalhar com eles. Só depois que fui aprendendo e entendendo as diferenças. Mas em primeiro momento foi um desafio”*.

Professora Marta: *“Como aqui na escola temos alunos com deficiência com certa frequência, sempre observo. Mas claro que fico insegura em como vou abordar. Geralmente nós não sabemos que o aluno tem autismo, então, nas primeiras experiências eu não tive essa ideia e minha primeira reação foi conversar com a psicóloga da escola”*.

Percebe-se aqui, a importância de profissionais auxiliares disponíveis amparando os professores, ajudando no conjunto de necessidades que a educação inclusiva exige, principalmente quando o professor não tem conhecimento do transtorno e precisa desse suporte para auxiliar no trabalho.

c) O que vocês acham que ajudaria na melhoria desse processo de aprendizagem?

Professora Marta: *“A família. Acho que precisamos desse apoio, pois cada dia é um novo desafio, e quando temos o apoio dos pais e a compreensão, conseguimos alcançar novos lugares. Quando não temos esse apoio, temos um trabalho até triplicado. Um auxiliar em sala de aula para ajudar a darmos mais atenção a esses alunos, o apoio da escola, para ajudar com materiais didáticos específicos. Além do livro, nós precisamos de outros materiais para conseguir realizar as atividades. Como não temos esses materiais na escola, tentamos construir, através de pesquisas, através de recursos que nós mesmas buscamos para trazer um trabalho melhor para eles”*.

d) Como tem sido o envolvimento e o apoio dos pais nesse processo?

Professora Marta: *“Tem pais que ajudam, mas tem pais que não aceitam. Então isso dificulta no processo e a evolução do aluno. Mas quando os pais entendem e entram na corrida junto conosco, o processo fica muito mais fácil. Com cada pai é um processo diferente”*.



O investimento em métodos e recursos específicos para atender as necessidades desses alunos é fundamental para um resultado positivo. Quando isso não acontece de maneira adequada, desencadeia a insegurança das professoras que resulta no sentimento de incapacidade para lidar com seus alunos. A professora Marta menciona como é relevante a atuação da família nesse processo de aprendizagem, como também foi colocada segundo Vygotsky (1988), a aprendizagem se inicia muito antes das contribuições da escola, ela também não se encerra dentro do ambiente escolar, a contribuição dos pais facilita esse processo, pois seriam as pessoas que mais convivem, mais conhecem, as necessidades dessa criança.

e) Como você sente o empenho da escola para conscientizar os professores a buscarem conhecimento para atender melhor a esses alunos?

Professora Marta: *“Não vejo empenho, se a escola nos ajudasse, seríamos muito melhores, entendo que isso é a necessidade de um investimento que ainda está sendo estudado. Então, nós que precisamos correr atrás. O gestor da escola tem se conscientizado para gerir melhor essa área, pois há uma demanda de alunos com deficiência todos os anos e não podemos estar negando esses alunos que englobam outros transtornos e outras deficiências que também necessitam de atenção”*.

Conseguimos concluir que, infelizmente a maioria das escolas particulares dos subúrbios acaba sofrendo com a falta de recursos para atender a esses alunos, sem apoios externos, precisam estudar caminhos para investir nos métodos adequados para assistir à procura de alunos com deficiência, que mesmo tendo avançado, ainda é uma minoria, e acaba sendo colocado de lado.

f) Quais abordagens e métodos vocês perceberam que funcionaram com esses alunos?

Professora Maria: *“Cada dia a gente vive uma coisa diferente na sala de aula. Eu me sinto assim. Então, particularmente, pra mim, são muitas surpresas, a gente planeja, mas na verdade, não quer dizer que vá funcionar. Percebi que os alunos com autismo são muito visuais, então, trazia atividades que pudesse estimular isso, ou dinâmicas que usassem esse recurso. Tive um aluno autista por três anos e vi a evolução dele. Muitas vezes trazia uma atividade e o aluno simplesmente não queria realizar, corria, ficava debaixo da banca, deitado chão, e mesmo ele tendo evoluído muito nestes três anos, tinha dias que funcionava e dias que não. Entendemos também que precisamos respeitar os limites desses alunos”*.



A escolarização de crianças com autismo ainda é vista como uma incógnita para os professores, conhecendo as particularidades do transtorno é possível identificar características frequentes e se torna mais fácil à identificação na sala de aula para um futuro diagnóstico quando os pais ainda não tem conhecimento da situação. E mais uma vez, o auxílio de um psicólogo, psicopedagogo, ou profissional especializado, no ambiente escolar, tem sido fundamental para essa identificação e futura abordagem mais segura com a família.

g) O que essas experiências com a educação inclusiva lhes proporcionaram?

Professora Maria: *“Muita aprendizagem. Hoje eu vejo o autismo como uma coisa normal. Você vai aprendendo muito a cada dia por meio desses alunos, com todo o esforço e atenção que precisamos dedicar a eles. E me sinto muito feliz, porque não é a minha área, mas eu aprendo muito, porque precisamos estar buscando conhecimento a todo o momento. Eu não tenho especialização para isso, sou professora de ensino fundamental I, e quando vejo resultados com essas crianças, pra mim, é uma vitória”.*

Professora Marta: *“Quando eu me formei, eu não pensava em nada disso, e como fiz magistério, nem se falava disso na época. Quando a gente entra em sala de aula, vemos como é muito diferente. Então, com todos esses anos de sala de aula, estamos todos os dias aprendendo um pouco mais. Nunca é igual. Cada aluno e cada turma que a gente assume é um desafio. Aqui na escola temos muita troca, um professor vai ajudando o outro, isso também é muito bom. Tivemos uma experiência com um aluno que foi diagnosticado com 12 anos com autismo, e ele tinha terapeutas que se interessaram e vieram até a escola e nos ajudou com algumas aulas e comentários esclarecedores sobre as características daquele aluno, e nos mostrou as melhores maneiras de agir. Isso é muito bom, nos dá segurança, abre nossa mente, nos traz mais conhecimento e ajuda. Mas infelizmente raramente acontece”.*

O envolvimento afetivo das professoras com os alunos é um ponto importante a ser discutido, como a professora Maria relatou a experiência com os alunos com autismo torna-se mais tranquila quando passa a conviver com a criança e conhecer as suas características para entender os limites do seu aluno. Como foi abordado da interação social e da importância das relações do homem com mundo para o seu desenvolvimento, tal afirmativa facilita o nosso olhar para entender como funciona essa união. A importância de o professor assumir o papel de apoio e de preocupar-se não só com a aprendizagem, mas com a experiência social geral do aluno.



h) Ao longo dessas experiências vocês sentiram vontade de procurar especialização nessa área de educação inclusiva?

Professora Maria: *“Sim, senti muita. Além de me dedicar mais, estar mais preparada. Mas mesmo com toda especialização, eu creio que nunca estamos realmente preparadas, porque cada criança é diferente da outra e você tem que aprender a lidar e ensinar cada criança, independente da diferença de cada um”*.

Professora Marta: *“Sobre a especialização nós percebemos que isso é uma questão de necessidade, precisamos nos renovar, independente se estamos há muitos anos em sala de aula, por mais especializações que você tenha a educação nunca vai ficar estática e nós precisamos estar acompanhando”*.

A especialização na área da educação inclusiva está cada vez mais necessária, como mencionou a professora Marta, para uma melhor abordagem e consciência do nosso cenário atual na educação, fortalecendo essas questões desafiadoras, permitimos o acesso ao conhecimento. Assim, os alunos portadores de deficiência são acolhidos sob uma estrutura educativa adequada às suas realidades, e os nossos profissionais da mesma forma são amparados de recursos para que ocorram resultados significativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho permitiu, mais uma vez, considerar as contribuições de Vygotsky como eficaz e atual para evolução da educação que lidamos hoje, como o crescimento foi determinante para o que alcançamos dentro da educação inclusiva, além de refletir sobre o crescimento, provar os benefícios notáveis dessa educação para crianças autistas, o aprofundamento no conhecimento das peculiaridades dos portadores de autismo, possibilita o entendimento mais detalhado e ajuda a somar no desempenho em sala de aula.

Podemos observar na pesquisa, a escassez de alguns recursos essenciais e conseguimos constatar e reconhecer que ponderar sobre como o investimento em profissionais capacitados e atendimentos especiais são necessários na escolarização de crianças com autismo. A escola sendo o cenário para o desenvolvimento dessas crianças deve contemplar de uma estrutura adequada, sem ver as diferenças como um “problema”, e sim transformar em estímulo, através da compensação social, para cada vez mais construir um ambiente baseado em diversidades e respeito na relação professor-aluno e aluno-aluno.

REFERÊNCIAS

AMA. **Associação Mão Amiga: Associação de Pais e Amigos de Pessoas Autistas. Tratamento.** Disponível em: www.maoamiga.org. Acesso em: 18 ago.2020.

CAMARGO, Janira Siqueira. **A Interação Professor aluno: A Escola como Espaço Interativo.** In: MARTINS, João Batista (org.). **Na perspectiva de Vygotsky.** São Paulo: Quebra Nozes/ Londrina CEFIL, 1999. p.67-79.

CAVACO, N. **Minha criança é diferente? Diagnóstico, prevenção e estratégia de intervenção e inclusão das crianças autistas e com necessidades educacionais especiais.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

Critérios de diagnósticos de autismo - Autism Speaks disponível em: www.autismspeaks.org. Acesso em 18 ago.2020.

CUNHA, Eugenio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família.** 6 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2015

KANNER, L. **Autistic Disturbances of Affective Contact.** *Nervous Child*, 2, 217- 150, 1943.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Pensar a Educação: Contribuições de Vygotsky.** In.: **CASTORINA, José Antonio et al.** Piaget – Vigotsky: Novas contribuições para o debate. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed., 5. imp. São Paulo: Ática, 2003.

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM- IV. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Necessidades e reflexões do professor diante da inclusão de alunos com autismo - 2015 – Disponível em: estaciorebeirao.com.br/revistacientifica/arquivos/revista5/ Acesso em 17 ago.2020.

SANTIAGO, J. A.; TOLEZANI, M. **Encorajando a criança a desenvolver habilidades sociais no Programa Son-Rise.** In.: Revista Autismo: informação gerando ação. São Paulo, ano 1, v. 1, p. 14-16, abril de 2011.

SANTOS, I. M. S. C. dos; SOUSA, P. M. L. de. **Como Intervir na Perturbação Autista.** Disponível em: www.psicologia.pt/artigos/. Acesso em: 11 ago. 2020.

VYGOTSKY, L. S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar.** In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (Org.). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1978.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VIGOTSKI, Lev S. **Fundamentos de Defectologia.** Obras Completas, tomo cinco. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1995, 2a . edição.